

O Paraíso Perdido

Um dogma, isto é, uma profissão de fé indiscutível surge apenas quando se pretende esmagar uma dúvida, de uma vez por todas. (JUNG).

Da escuridão em que se encontravam os nossos avós, passamos para uma época em que a luz da inteligência ilumina o caminho do espírito humano. (MELO).

Não se deve aceitar qualquer ideia que nos vem dos livros, da tradição, da autoridade da Igreja, nenhuma deve ser aceita a não ser que resista a um exame rigoroso. (DESCARTES).

Introdução

Sempre ouvimos falar dessa história do paraíso, mas até hoje não nos apontaram a sua exata localização. É de estranhar-se, pois, supondo-se, como querem muitos, que a Bíblia seja a palavra de Deus; isso não poderia ocorrer de forma alguma, por colocar em cheque a onisciência divina. Será que estamos diante de um paraíso perdido, isto é, não localizado? E como é de se esperar, os bibliólatras de plantão não irão gostar desse nosso novo questionamento. Mas o que fazer?... Não abrimos mão de usar a inteligência que Deus nos deu, uma vez que é pelo uso dela que nos diferenciamos dos irracionais.

Análise da narrativa bíblica

A passagem em questão é:

Gn 2,8-14: *Iahweh Deus plantou um jardim em Éden (b), no oriente, e aí colocou o homem que modelara. Iahweh Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Um rio saía de Éden para regar o jardim e de lá se dividia formando quatro braços (d). O primeiro chama-se Fison; se encontram o bdélio e a pedra de ônix. O segundo rio chama-se Geon: rodeia toda a terra de Cuch. O terceiro rio se chama Tigre: corre pelo oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates.*

A descrição é tão confusa que nem mesmo os vários tradutores e exegetas bíblicos conseguiram explicá-la de maneira uniforme; senão vejamos:

b) "Jardim" é traduzido por "paraíso" na versão grega, e depois em toda a tradição. "Éden" é nome geográfico que foge a qualquer localização, e inicialmente pode ter tido o significado de "estepe": poderia ser comparado ao *bit adini* assírio-balbilônico, região à margem do Eufrates de que falam também alguns textos bíblicos (Am 1,5; 2Rs 19,12; Is 37,12; Ez 27,23). Mas os israelitas interpretaram a palavra segundo o hebraico, "delícias", raiz 'dn. A distinção entre Éden e o jardim, expressa aqui e no v. 10, se esfuma em seguida; fala-se do "jardim de Éden (v. 15; 3,23.24) Em Ez 28,13 e 31,9, "Éden é o jardim de Deus", e em Is 51,3, Éden o "jardim de Iahweh", é o oposto ao deserto e à estepe. (Bíblia de Jerusalém, p. 36) (grifo nosso).

Aqui está se admitindo, sem rodeios, que Éden é nome geográfico que foge a qualquer localização. Louvável atitude, pois, como veremos mais adiante, não se consegue mesmo saber a exata localização desse "paraíso".

Na sequência explicam-nos:

d) Os vv. 10-14 são um parêntesis, provavelmente introduzido pelo próprio autor, que utilizava velhas noções sobre a configuração da terra. Sua

intenção não é localizar o jardim do Éden, e sim mostrar que os grandes rios, que são as artérias vitais das quatro regiões do mundo, têm sua fonte no paraíso. O Tigre e o Eufrates são muito conhecidos e têm sua fonte nos montes da Armênia, mas o Fison e o Geon são desconhecidos. Hévila é, segundo Gn 10,9, uma região da Arábia, e Cuch em outro lugar designa a Etiópia, mas não é seguro que esses dois nomes devam ser tomados aqui em sentido habitual. (Bíblia de Jerusalém, p. 36). (grifo nosso).

Os versículos citados são os que nomeiam os rios que correm pelo jardim de Éden, que, em condições normais, seriam para identificar sua localização, conforme vemos:

Este inciso é uma tentativa de localizar o paraíso, cuja posição permanece vaga. Trata do antigo tema do rio paradisiaco que irrigava os quatro pontos da terra. A bênção da fertilidade proporcionada pelos atuais rios é vista como uma sombra da fertilidade produzida pelo rio paradisiaco. (Bíblia Vozes, p. 30). (grifo nosso).

Entretanto, aqui ocorreu justamente o contrário, ou seja, manteve-se a confusão, uma vez que, paradoxalmente, se “reúne os rios mais ilustres e caudalosos e lhes atribui um manancial único”. (Bíblia do Peregrino, p. 18).

E, deixando-se de lado a descrição, explicam, tentando “salvar a pátria”, que:

Éden em sumério significa “planície fértil”. Aqui indica uma região ao sul da Mesopotâmia. A ressonância do termo com a palavra hebraica que significa “delícia”, e a presente descrição, levaram a entender o jardim em Éden como “jardim de delícias” ou “paraíso” (cf. Is 51,3; Ez 31,9). (Bíblia Vozes, p. 29). (grifo nosso).

Essa região ao sul da Mesopotâmia é onde se localiza a Babilônia, cujo povo, certamente, era mais antigo que os hebreus e, por conseguinte, culturalmente mais desenvolvido, do qual, entre outras coisas, tomaram emprestados de sua cultura: a Torre de Babel e o dilúvio bíblico. Agora, pelo que foi dito, estabelecem essa região como sendo o paraíso. Também, não podemos deixar de registrar que “os babilônios desenvolveram as leis morais, mais tarde incorporadas por Moisés nos Dez Mandamentos e que ainda hoje constituem os alicerces do cristianismo” (VAN LOON, 1951, p. 103).

Por outro lado, dizer que “os rios Fison e Geon são desconhecidos” é somente para fugir da evidente contradição, pois, conforme veremos um pouco à frente, o historiador hebreu Flávio Josefo os identifica perfeitamente.

Mas... (não poderia faltá-lo) sempre aparecem os que, firmando o pé que a Bíblia não contém erros, buscam, desesperadamente, interpretar seus textos de maneira a demonstrar que nela não existem contradições. Vejamos o que Geisler e Howe, dizem sobre o assunto:

Gn 2,8: O jardim do Éden foi um lugar real ou apenas um mito?

Problema: A Bíblia declara que “plantou o Senhor um jardim no Éden, na banda do Oriente” (Gn 2,8), mas não há evidência arqueológica de que tal lugar tenha existido. Será apenas um mito?

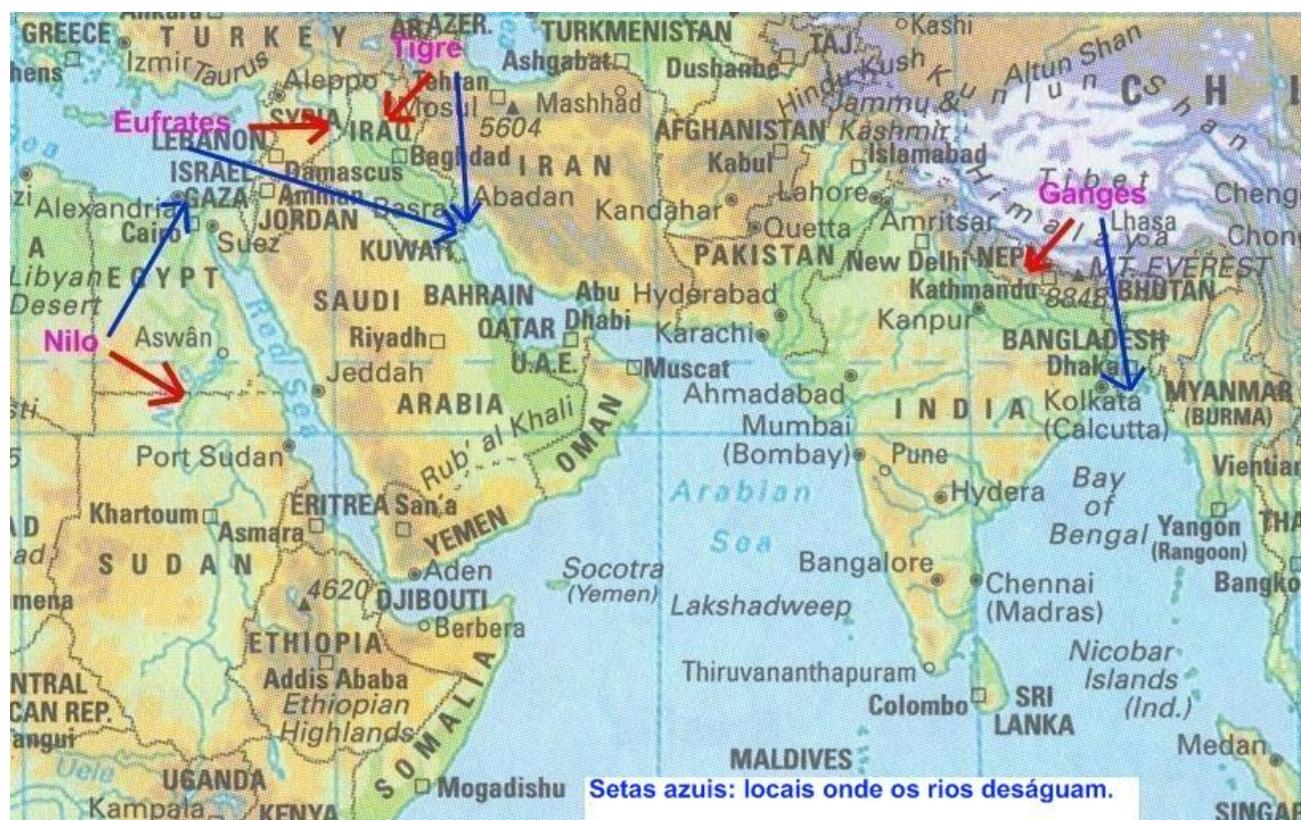
Solução: Em primeiro lugar, não seria de se esperar evidência arqueológica alguma, uma vez que não há indicação de que Adão e Eva tenham feito objetos de cerâmica ou construído edificações duradouras. Em segundo lugar, há uma evidência geográfica do Éden, já que dois dos rios mencionados ainda existem hoje – o Tigre (*Hiddekel*) e o Eufrates (Gn 2,14). Além disso, a Bíblia até mesmo os localiza na “Assíria” (v. 14), atual Iraque. Finalmente, qualquer evidência que tenha havido do Jardim do Éden (Gn 2,3), foi provavelmente destruída por Deus por ocasião do dilúvio (Gn 6-9). (GEISLER e HOWE, 1999, p. 38).

A questão não é procurar evidência arqueológica, mas provar sua localização geográfica. A citada evidência geográfica, apontando dois rios, é parte da verdade, pois o texto bíblico diz que são quatro os rios afluentes de um outro maior que existia na região. Para elucidar melhor essa questão, vamos recorrer a Flávio Josefo, escritor e historiador judeu, que

viveu entre 37 a 103 d.C. e que, contando a história de seu povo, diz:

Moisés narra em seguida como Deus plantou do lado do oriente um jardim muito delicioso, que encheu de todas as espécies de plantas e, dentre outras, de duas árvores, uma das quais era a Árvore da Vida e a outra, a da Ciência que ensinava a discernir o bem do mal. Colocou Adão e Eva nesse jardim e mandou que cultivassem as plantas. Ele era regado por grande rio que o rodeava completamente e que se dividia em quatro outros rios. O primeiro, chamado *Fison*, que significa plenitude e os gregos chamam de *Ganges*, corre para a Índia e desemboca no mar. O segundo, que se chama *Eufrates* e *Fora*, em nossa língua, significa dispersão ou flor e o terceiro, a que chamam de *Tigre* ou *Diglath*, que significa estreito e rápido, ambos desembocam no mar Vermelho. O quarto, de nome *Geon*, significa quem vem do Oriente, e os gregos o chamam de *Nilo*, atravessa todo o Egito. (JOSEFO, 1990, p. 48-49). (grifo nosso).

Josefo aqui identifica os quatro rios: Ganges (Fison), Eufrates, Tigre e Nilo (Geon). Porém, sem termos um mapa para visualizar a descrição de Josefo, fica difícil perceber as aberrações contidas nesse trecho, onde explica o capítulo 2 de Gênesis. Assim, vejamos:



Como pode os quatro rios juntos formar um só rio caudaloso, que circulava o jardim em Éden, uma vez que o rio Nilo e o Ganges estão completamente distantes dos outros dois, o Tigre e o Eufrates? Suas localizações estão destacadas, com setas em vermelho, no mapa acima. Um no Egito, o Nilo, cuja nascente é na república de Burundi, (África); outro na Índia, o Ganges, que nasce no Himalaia; os dois restantes, o Tigre e o Eufrates, nascem na Turquia, evidenciando a impossibilidade total do descrito no relato. Por outro lado, o Eufrates e o Tigre, que formam a Mesopotâmia, em grego "entre rios", deságuam no Golfo Pérsico e não no Mar Vermelho como dito por Josefo que, sem dúvida, refletia a crença de sua época.

Conclusão

Certamente que não podemos considerar o relato bíblico como fato real, mas apenas uma lenda inventada para tentar dar aos homens uma explicação sobre suas origens.

Para corroborar o nosso pensamento, trazemos:

Em Hesíodo, fala-se do homem formado do limo da terra, do caos primitivo e da luz que sucede às trevas. A Pérsia, por sua vez, conserva a mesma lenda, aquela de um só homem e de uma só mulher colocados em um jardim de delícias e expulsos dele por se terem deixado seduzir por Arhiman, o mistificador e mentiroso. (MELO, 1954, p. 16).

A lenda do Éden, continua Will Durant^[1], aparece em quase todos os folclores, na Índia, no Egito, no Tibet, na Babilônia, na Pérsia, na Grécia, na Polinésia, no México, etc. Muitos jardins do Éden possuem árvores e serpentes ou dragões que roubam a imortalidade do homem, ou envenenam o Paraíso.

(1) Melo cita de Will Durant o livro *História da Civilização*. (MELO, 1954, p. 239).

Outra citação que nos serve de apoio, é a seguinte:

A Perda do Paraíso – A Pérsia considerava a lenda só de um homem e uma mulher, colocados em um jardim de delícias, expulsos por terem-se deixado seduzir por Arihman, o mistificador e mentiroso (158/24)(2). P. Góes comenta que foi por intermédio de Zoroastro “que se popularizou, entre as nações civilizadas, a crença no paraíso”. Charles Potter, em “História das Religiões”, afirma que “paraíso” é uma palavra persa; e paraíso é a morada zoroastrina dos bem-aventurados. Zoroastro foi conduzido à presença de Deus, a fim de receber dele os princípios da verdadeira religião. Há uma perfeita semelhança com Hamurábi, recebendo as tábuas da lei, das mãos de Deus (166/89)(3).

(2) É a primeira citação de Mário Cavalcanti de Melo que transcrevemos acima.

(3) Charles Francis Potter, “História das Religiões”, traduziu J. Sampaio Ferraz, Editora Universitária, SP, 1ª ed., conforme citação bibliográfica.

(ARAÚJO, 2000, p. 119). (grifo do original).

Nosso sonho é que um dia se mude a forma de ver a Bíblia, pois, a manter as interpretações vigentes, provavelmente, num futuro não muito distante, as novas gerações irão desprezá-la por completo. Por isso, julgamos necessário separar nela o joio do trigo, para que, quando se for jogar fora a água da bacia, não se jogue também a criança que está dentro dela.

Para finalizar, passemos a palavra a Mário Cavalcanti:

A verdade não conhece mistérios, nem dogmas, nem milagres. *A necessidade de enganar, de iludir faz parte sempre dos mesmos mistérios, dogmas e milagres.* (MELO, 1954, p. 91).

Essas obscuridades existem em cada página da Bíblia e não podem ser clareadas senão por uma fé cega e incondicional que mate no homem todo o poder de raciocínio. (MELO, 1954, p. 145).

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Abr/2006.
(revisado jan/2007)

Referências bibliográficas:

- ARAÚJO, E. M. *Paradoxo Bíblico*, Marica, RJ: Blocos, 2000.
GEISLER, N. e HOWE, T. *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e “Contradições da Bíblia”*, São Paulo: Mundo Cristão, 1999.
JOSEFO, F. *História dos hebreus*, Rio de Janeiro: CPAD, 1990.
MELO, M. C. *Da Bíblia aos nossos dias*, Curitiba: FEP, 1954.

VAN LOON, H. W., *A História da Bíblia*, São Paulo: Cultrix, 1951.
Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002.
Bíblia do Peregrino, São Paulo: Paulus, 2002.
Bíblia Sagrada, Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.
Revista Galileu Especial n.º 2, São Paulo: Globo, jul/2003, p. 49, imagem do Paraíso.
Mapa: World Physical, © Oxford Cartographes, 2000: Agenda Pombo 2007 – Cenibra.